

ERICO VERISSIMO: HISTORIADOR LITERÁRIO

ERICO VERISSIMO: LITERARY HISTORIAN

Maria Cristina Ferreira dos Santos*
UFRGS

* Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutoranda em Estudos Literários pela UFRGS. E-mail: ymaria1@hotmail.com

Resumo: Neste artigo discute-se as peculiaridades e a importância cultural de *Breve História da Literatura Brasileira*, de Erico Verissimo, uma obra *sui generis* tanto na produção do escritor quanto ao se comparar com outras produções de historiografia literária. Para isso, foram utilizados os pressupostos teóricos de Hans Robert Jauss (1994), bem como o contraste com outros historiadores, como Alfredo Bosi (2006).

Palavras-chave: Historiografia literária. Erico Verissimo. Literatura Brasileira.

Abstract: In this article we discuss the peculiarities and cultural importance of Erico Verissimo's Brazilian Literature, an outline, a *sui generis* work both in the production of the writer and in comparison with other productions of literary historiography. For that, the theoretical assumptions of Hans Robert Jauss (1994) were used, as well as the contrast with other historians, like Alfredo Bosi (2006).

Keywords: Literary historiography. Erico Verissimo. Brazilian Literature.

Introdução

Erico Verissimo é um dos poucos escritores brasileiros que foi famoso em vida e, entretanto, viveu de seu ofício de contador de histórias. Ele é conhecido pelo público e aclamado pela crítica, especialmente por sua magnífica trilogia *O tempo e o vento* e por obras como *Olhai os lírios do campo*, campeão de vendas, ou *O resto é silêncio*. Compôs obras classificadas como romances históricos e urbanos, literatura infantil, narrativas de viagens, contos e autobiografia.

Além disso, fato pouco conhecido, contribuiu para a Historiografia Literária, pois, quando estava morando nos Estados Unidos, na década de quarenta do século vinte, e lecionando na Universidade de Berkeley, Califórnia, ministrou um curso sobre Literatura Brasileira para os jovens norte-americanos. Em 1945, Erico Verissimo ampliou as conferências e as publicou, nos Estados Unidos, com o título *Brazilian Literature, an outline*.

Algum tempo depois, em 1995, a professora Maria da Glória Bordini, na época responsável pelo acervo literário do referido escritor, traduziu estas palestras, publicando *Breve História da Literatura Brasileira*, obra que contribuiu para a difusão de nossa Historiografia Literária, de maneira especial, fundindo conhecimento literário, humor, e, mormente, a visão de Erico como leitor.

A Historiografia Literária

De acordo com Maria Eunice Moreira e Francisco Topa (2015), em *História da Literatura e Historiografia Literária*, a análise de obras de História Literária deve levar sempre em conta a postura do historiador, consoante com o tempo e o lugar de onde fala:

Isso porque a interpretação monolítica e linear sobre o passado literário cede lugar a um entendimento múltiplo e variado, que assume uma feição plural e transitória. História da literatura é, portanto, discurso que se escreve no plural e que se abre para múltiplas possibilidades de abordagens. (MOREITA; TOPA, 2015, p. 480).

Ou seja, não há apenas “uma” História da Literatura Brasileira, mas inúmeros escritores/historiadores/pesquisadores que, a partir de suas experiências e, especialmente, a partir de suas leituras, compilaram e redigiram suas críticas sobre o que julgaram mais pertinente em cada período.

A historiografia literária brasileira nasceu no Romantismo, justamente na época da incipiente tentativa de escrever sobre a nossa cultura, o nosso país, os nossos trejeitos, e valorizá-los. Dessa forma, ela já nasceu de um intuito idiossincrático, muito embora os primeiros escritos tendessem ser mais formais e produzidos por estrangeiros que residiam no Brasil.

Segundo Hans Robert Jauss, em *A história da literatura como provocação à teoria literária* (1994), na tentativa de escrever uma história da literatura, não devemos ter o método semelhante ao das ciências exatas, ou considerar apenas a diacronia dos acontecimentos, e sim ter consciência de que:

A qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios de recepção, do efeito reduzido pela obra e de sua fama junto à posteridade, critérios estes de mais difícil apreensão. (JAUSS, 1994, p. 2).

Ao analisar as manifestações de historiografia literária produzidas ao longo do tempo, Hans Robert Jauss avalia que tanto o método formalista como o marxista ignoraram o mais importante fator nesse processo, a saber, o leitor. É imprescindível considerá-lo na medida em que:

Tanto em seu caráter artístico quanto em sua historicidade, a obra literária é condicionada primordialmente pela relação dialógica entre literatura e leitor – relação esta que pode ser entendida tanto como aquela da comunicação com o receptor quanto como uma relação de pergunta e resposta – há de ser possível, no âmbito de uma história da literatura, embasar nessa mesma relação o nexos entre as obras literárias. (JAUSS, 1994, p. 9).

A partir dessa premissa, Hans Robert Jauss formula sete teses que devem nortear o trabalho do historiador literário e que não foram levadas em consideração por obras *a priori* concebidas. A primeira delas, e que basicamente resume as demais, enfatiza o papel de leitor daquele que se propõe historiar sobre obras literárias e suas relações com tempo e sociedade:

Uma renovação da história da literatura demanda que se ponham abaixo os preconceitos do objetivismo histórico e que se fundamentem as estéticas tradicionais da produção e da representação numa estética da recepção e do efeito. A historicidade da literatura não repousa numa conexão de “fatos literários” estabelecidos *post festum*, mas no experimentar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores. Essa mesma relação dialógica constitui o pressuposto também da história da literatura. E isso porque, antes de ser capaz de compreender e classificar uma obra, o historiador da literatura tem sempre de novamente fazer-se, ele próprio, leitor. Em outras palavras: ele tem de ser capaz de fundamentar seu próprio juízo tomando em conta sua posição presente na série histórica dos leitores. (JAUSS, 1994, p. 9).

É exatamente esta a grande peculiaridade da obra historiográfica de Erico Verissimo, distinguindo-se de outras mais sistemáticas, pois ele, já no prefácio, se posiciona como leitor que leva como critério de seleção e criticidade suas idiossincrasias, seu conhecimento, sua trajetória e suas preferências: “Esta não é uma versão sem preconceitos da literatura brasileira. Ao escrever este livro, não tomei o lugar de Deus; contente-me com o de um leitor comum, que às vezes pode estar errado, mas que não pretende jamais trair seus próprios gostos e desgostos”. (VERISSIMO, 1995, p. 14).

Erico Verissimo e sua peculiar História da Literatura

Ao escrever uma breve história da literatura brasileira, além de se posicionar como leitor e esclarecer que a escreveu a um público de estrangeiros quando proferia palestras na Universidade de Berkeley, Erico menciona mais um fato que o distingue dos demais historiadores, ou seja, o de que teve que se valer somente da sua memória quando redigiu, sem acesso a livros, manuais e, obviamente, internet: “Tive de confiar na memória e esta, sabe-se, é um território muito confuso, cheio de armadilhas ocultas e inesperadas. De qualquer forma, estou certo de que, em livros como este, tendências e aspectos gerais são muito mais importantes do que simples nomes de autores” (VERISSIMO, 1995, p.13).

Também salienta que não está isenta de supostas falhas: “Esta é uma história da literatura brasileira muito esquemática e indubitavelmente possui falhas. Meu propósito principal ao escrevê-la foi dar ao leitor americano uma ideia da marcha da literatura em meu país, desde o dia em que foi descoberto até este ano (VERISSIMO, 1995, p.13). Pelos fatos supramencionados, Angela Maria Garcia dos Santos Silva (2003), em seu

artigo intitulado *Erico Verissimo: história da literatura ou ficção?*, defende que a obra de Erico é uma narrativa ficcional, não podendo ser classificada como historiográfica. Discordamos desse argumento, afirmando que é uma obra de História Literária peculiar, tendo características insólitas como, por exemplo, o escritor conversar com o leitor.

A metalinguagem, ou seja, dialogar com o leitor e falar do processo composicional é uma característica que podemos encontrar em todos os romances de Erico, a qual também torna sua *Breve História da Literatura Brasileira* distinta das demais existentes. Inclusive apontar falhas e possíveis problemas narrativos, fato também presente em outras obras suas. Todas essas características tornam o livro em questão prazeroso para o leitor, assemelhando-se a um romance de aventuras, com suspense ao final de cada capítulo, e tratando os escritores como personagens de uma trama, além da imprecisão temporal, como o próprio escritor adverte: “Para infelicidade dos ensaístas e felicidade dos romancistas, os fatos da vida, como os caprichos da alma, recusam-se a ser rigidamente arquivados e rotulados. É por isso que, ao escrever ou falar sobre acontecimentos históricos, cumpre usar com frequência, senão todo o tempo, a expressão “mais ou menos”. (VERISSIMO, 1995, p.15).

A partir dessa expressão usada por Erico, Samuel Albuquerque Maciel (2010), em sua dissertação *Breve História da Literatura Brasileira, de Erico Verissimo: do contador de histórias ao historiador da literatura*, comprova sua hipótese de que o diferencial na historiografia literária analisada é o caráter relativista, ou seja, o quebra de paradigmas, ser mais ou menos é ser paradoxal, sem visões maniqueístas e imutáveis, como podemos perceber ao longo da obra.

No primeiro capítulo, denominado *Tão boa é a terra*, fala do Quinhentismo e das influências europeias nas incipientes produções literárias brasileiras, acrescentando uma pitada de mistério e encanto à cultura latina: “Acredito na influência do sangue e das modas literárias; estou certo da importância do clima e até da forma e colorido da paisagem que a gente tem diante dos olhos. Mas há algo mais: a individualidade é um elemento misterioso e indescritível para o qual eu não encontro nome. (VERISSIMO, 1995, p. 22).

No segundo capítulo, intitulado *É dessa matéria que as nações são feitas*, trata do Barroco, e do poema cuja publicação cronologicamente determina como o início deste período literário no Brasil, cujo autor é o poeta luso-brasileiro Bento Teixeira:

Bem no início do século – o dezessete – apareceu em Portugal um livro de poesia com o título de *Prosopopeia*. Era um mau poema, imitação barata de Camões, e sua intenção principal era louvar o governador da capitania de Pernambuco. O mérito da obra é apenas cronológico. Foi o primeiro livro de um escritor nascido no Brasil. Eis porque um poema tão enfadonho, escrito em fins do século XVI, ainda é lembrado hoje, merecendo citação

em quase todos os ensaios sobre literatura brasileira e tendo algumas passagens incluídas em muitas antologias, para aflição dos estudantes e professores. Há um outro ângulo. O autor desse poema foi, no Brasil, o primeiro representante de uma raça danada de escritores cuja maior preocupação é apresentar cumprimentos às pessoas do governo a fim de obter delas toda sorte de favores. Ainda existem hoje em dia, não só na minha terra, mas pelo mundo a fora. Promoveram o fascismo, o racismo, e todos esses tristes, idiotas e trágicos ismos. Apoiaram ditadores e caudilhos; venderam suas penas ao diabo; prostituíram a literatura. (VERISSIMO, 1995, p. 29).

No excerto acima vemos como Erico Verissimo se diferencia de alguns historiadores da Literatura Brasileira, pois sua percepção sobre *Prosopopeia* mostra que ele não apenas elenca a obra, seu autor e o período a que pertence, como muitos fazem ao tratar deste poema, mas redige uma crítica aos que o consideram pertinente, mostrando, dessa forma, o verdadeiro motivo da fama do poema. Sua análise, não obstante seu traço sarcástico, é muito parecida com a que posteriormente faria Alfredo Bosi, em *História Concisa da Literatura Brasileira* (2006):

Na esteira do Camões épico e das epopeias menores dos fins do século XVI, o poemeto em oitavas heroicas *Prosopopeia*, de Bento Teixeira, publicado em 1601, pode ser considerado um primeiro e canhestro exemplo de maneirismo nas letras da colônia. A intenção é encomiástica e o objeto do louvor Jorge Albuquerque Coelho, donatário da capitania de Pernambuco, que encetava a sua carreira de prosperidade graças à cana-de-açúcar. A imitação de *Os Lusíadas* é assídua, desde a estrutura até o uso de chavões da mitologia e dos torneios sintáticos. O que há de não-português (não diria: de brasileiro) no poemeto, como a “Descrição do Recife de Pernambuco”, “Olinda Celebrada” e o canto dos feitos de Albuquerque Coelho, entra a título de louvação da terra enquanto colônia, parecendo precoce a atribuição de um sentimento nativista a qualquer dos passos citados. (BOSI, 2006, p. 36).

Outra consideração acerca do período Barroco é sobre os holandeses no Brasil: “O que fizeram os holandeses no Brasil? Saquearam a terra e o povo, enviando à Holanda todas as riquezas que podiam. (VERISSIMO, 1995, p. 33). Ao falar dos povos que colonizaram o Brasil, Erico, sendo contundente em afirmar o lado negativo, assemelha-se muito a Eduardo Galeano, em *Veias abertas da América Latina* (1978), quando escancara as consequências de anos de exploração europeia nas Américas.

Tentar dissecar a magia do povo e da literatura brasileira é uma constante não só em *Breve história da literatura brasileira*, mas em outras obras suas, como, por exemplo, em *Solo de Clarineta*, e esta tentativa é sintetizada em seu comentário sobre Gregório de Matos:

Contudo, às vezes Gregório cessava de ironias, agressão e pilherias e tornava-se lírico. É por isso que o considero um verdadeiro representante da

alma brasileira. Sua mente era um território onde a saudade e a irreverência, a alegria e a melancolia desenfreadas coabitavam em contínuos planos intercambiáveis. (VERISSIMO, 1995, p. 35).

No capítulo denominado *Minha terra tem palmeiras*, ao discutir sobre o Romantismo, se distancia muito da maneira como outros críticos e historiadores o fizeram, na medida em que considera este período especialmente adequado para nosso país, muito embora seja um movimento nascido no estrangeiro:

Em minha opinião, o Romantismo foi uma veste especialmente talhada para a alma brasileira. Serviu como uma luva. Agora os poetas e prosadores tinham permissão para contar aos leitores tudo sobre seus sofrimentos, dúvidas e paixões. Podiam descrever as feições de suas amadas e mesmo fazê-las mais belas do que de fato eram. Podiam infundir glória e um sentido universal a seus achaques, em especial quando padeciam de alguma doença dos pulmões. (VERISSIMO, 1995, p. 50).

E finaliza o capítulo falando sobre Castro Alves, poeta de transição que, segundo o historiador, mostrou ao mundo que nossa terra tinha, além das belezas, mazelas: “Mas a reação realista começara com Castro Alves, cujos poemas, apesar de seu travo romântico, já pareciam replicar: Palmeiras? Sim, mas serpentes e escravos também” (VERISSIMO, 1995, p. 59). Com este questionamento, abre o quinto capítulo, o qual trata do Realismo e Naturalismo. Dessa forma, não só os comentários sobre as obras são mais voltados à realidade, mas também ao comentar sobre o contexto histórico não embeleza a situação:

Diz-se que Pedro II se recusou a conceder condecorações ou títulos a homens cujas fortunas haviam sido feitas através da escravatura. Mas não ousava assinar um decreto libertando os negros, porque temia que essa medida pudesse significar a bancarrota para os fazendeiros e em consequência perturbações econômicas para a nação. (VERISSIMO, 1995, p. 65).

Grande conhecedor da História do Brasil e História Mundial, Erico Verissimo é capaz de mostrar com precisão, sutileza e, entretanto, ironia, acontecimentos pertinentes para o entendimento de determinado período.

Outro traço marcante da produção literária de Erico Verissimo e na *Breve História da Literatura Brasileira*, e que o distingue de outros historiadores, é discutir situações temporais anacrônicas, como no exemplo abaixo:

O Homem, de Aluísio Azevedo, retrato de uma mulher histérica, poderia ser classificado como freudiano. O único problema é que quando o autor publicou esse livro Sigmund Freud estava recém entrando na casa dos vinte e é possível que ignorasse inteiramente suas próprias doutrinas futuras. (VERISSIMO, 1995, p. 68).

A confusão dos tempos, ou seja, a possibilidade de que um evento futuro possa ser antecipado e conviver no presente, o qual, por sua vez, possa mudar o pretérito, aparece também em sua narrativa de viagem *México*, quando tenta definir a noção de tempo do povo mexicano: “No espírito desse povo singular, o ontem, o hoje e o amanhã parecem misturar-se numa ausência de perspectiva que lembra um pouco a dos desenhos astecas. (...) É como se o mexicano não soubesse a diferença que existe entre desde e até. Não é, pois, de estranhar que exista no país uma *pulquería* com o nome de *Recuerdos de su Porvenir*. (VERISSIMO, 1997, p. 269).

Ainda sobre o Realismo, ao mencionar Machado de Assis, sua análise é muito voltada à Psicologia, tentando entender sua obra a partir de sua vida pessoal, características e experiências, e atribuindo-lhe o predicativo de *dissecador de almas*: “E agora quero falar a vocês de nosso enigma literário mais intrigante. Abala nossas convicções quanto à influência da raça, do meio e do momento histórico na produção literária”. (VERISSIMO, 1995, p. 69). E, mais adiante:

Tentemos examinar rapidamente o “caso” de diferentes ângulos. Para começar, Machado de Assis não mostrava nenhuma das características de sua raça. Tinha senso de equilíbrio, odiava o exibicionismo, era discreto e abominava a verbosidade. Numa terra de extrovertidos eloquentes era um introvertido sem amor pela eloquência ou o colorido. Aderiu ao romance psicológico, e em suas histórias o enredo é tênue e desimportante, a coisa toda sendo apenas um pretexto para o escritor exercer seu dote de dissecador de almas. Suas personagens com frequência falam ao leitor o que pensam da vida e dos homens. Seus pontos de vista e pensamentos são sombrios e amargos. Em geral encontram no cinismo um porto frio mas seguro para suas almas desiludidas. Mas por que era pessimista aquele homem feliz e bem-sucedido? Por que seus livros são tão cáusticos e às vezes tão cínicos? Não casou com a moça que amava, apesar da oposição da família dela? Não lhe era ela amorosa e fiel? Não viveram toda a sua vida de casados na mais perfeita harmonia e felicidade? Não viu ele a glória, a fama e, de certo modo, a popularidade enquanto ainda vivo e relativamente jovem? Sim é a resposta a todas essas questões. Mas nunca se sabe tudo sobre as almas. Machado de Assis tinha seus padecimentos secretos. Sofria de terrível doença. Era epilético. (VERISSIMO, 1995, p. 72).

E no sétimo capítulo, *O século era moço e cínico*, dedicado ao Modernismo, Erico enfatiza a diversidade deste período, e a liberdade para escrever dos mais diversos assuntos. Menciona o escritor João do Rio, e narra com precisão de detalhes um de seus contos, cujo enredo discorre sobre um moço muito trabalhador e honesto que não consegue ter sucesso na vida e, por isso, procura um relojoeiro para ver se sua cabeça era desarranjada. Ele, por sua vez, fica com sua cabeça para analisar as peças e empresta-lhe uma de papelão até que o conserto seja feito. Passado um tempo, o rapaz percebe que fora mais feliz e realizara mais atividades com a cabeça de papelão. A

análise que Erico faz do conto é a de uma crítica ao sistema que despreza mentes brilhantes e distintas para valorizar os que são condicionados e não têm um pensamento crítico.

Abordando o contexto histórico do final do século XIX, discorre sobre a influência de Antônio Conselheiro sob as pessoas pobres e ignorantes dos sertões brasileiros da Bahia, os quais chegaram a fundar um povoado chamado Canudos, onde eclodiu uma guerra. Os motivos da Guerra de Canudos são narrados em *Breve história da literatura brasileira* de modo mais detalhista do que muitos manuais de História o fazem, pois estes mencionam a luta de terras e dominação dos latifundiários. Erico Verissimo, por sua vez, declara:

O Conselheiro escolhera uma chamada perigosa para seus sermões: “Abaixo a República”. Seus seguidores repetiam a frase num arrebatamento histérico. Todo o sertão foi infectado pela lenda do “santo” cuja cidadela oferecia refúgio seguro para criminosos e fugitivos da Justiça. Os homens do Conselheiro começaram a assaltar estradas; também roubavam ranchos e vilas, a fim de obter dinheiro e materiais para construir seus templos. Em sua túnica longa e escura, o sombrio “Profeta dos Sertões” anunciava o fim do mundo e prometia à turba uma vida melhor no céu, ensinando-lhe ao mesmo tempo o desprezo a essa existência terrena pervertida. (VERISSIMO, 1995, p. 92).

Nota-se que Erico se posiciona contra Antônio Conselheiro e tudo que ele representa de atraso. Mais adiante, prossegue com sua análise deste conflito de Canudos:

Um dia a cidade vizinha de Juazeiro, que vendera certa quantidade de madeira ao Conselheiro para que erguesse sua igreja, recusou-se a entregá-la. O “santo”, afrontado, enviou seus homens armados para recolhê-la. A Justiça de Juazeiro telegrafou pedindo proteção. Uma força de cerca de cem policiais foi enviada por trem – só para enfrentar uma derrota esmagadora. E nos anos seguintes o que parecia um simples caso de polícia se transformou numa verdadeira guerra. (VERISSIMO, 1995, p. 92).

Ainda sobre Canudos, Erico Verissimo, se valendo do já anunciado no início de sua obra, ou seja, de que levaria em consideração seus gostos e preferências, considera o livro *Os Sertões* o maior representante da cultura brasileira:

Se eu tivesse que escolher só um livro na literatura brasileira para ser traduzido em outras línguas como representante de meu país e de meu povo, certamente seria *Os Sertões*. É de fato nosso maior clássico. Fornece a chave mestra para a alma brasileira. É belo, lúcido e verdadeiro. É corajoso, sem preconceito e dramático. Fala-nos de um cadinho racial espantoso. Mostra, com uma semelhança quase fotográfica, uma paisagem trágica, tanto geográfica quanto humana. Narra uma história impressionante de violência, fanatismo, sangue e miséria, mas também de coragem e resistência indômita.

É cheio de simpatia e compaixão pelo oprimido. E é um livro surpreendentemente “novo” e atual, porque muitos dos problemas que apresenta e discute ainda carecem de solução. (VERISSIMO, 1995, p. 94).

Como pode ser visto em sua descrição, de acordo com o historiador Erico Verissimo, os melhores escritores, e as melhores obras são aquelas que retratam paradoxos, antíteses, como ele frisa ao falar de Gregório de Matos e defini-lo como exímio escritor, e, no excerto acima, de Euclides da Cunha.

Dedica o oitavo capítulo aos anos 20, deixando claro como é difícil escrever sobre um período que está, temporalmente, próximo ao seu presente: “Mas quando tentamos estudar a literatura de nosso próprio tempo, falta uma boa perspectiva temporal, porque se está perto demais do assunto”. (VERISSIMO, 1995, p. 97). Acrescenta que a dificuldade se deve também à heterogeneidade das obras e, para não se comprometer com uma possível análise errônea do momento em que está inserido, se justifica:

Talvez a coisa toda não seja tão colorida e pitoresca como anunciei. Sabem, sou apenas um simples contador de histórias, e o contador de histórias é um homem que sempre exagera as coisas e as pessoas para o bem de sua história. Talvez nossa excursão venha a ser um fiasco, como em geral acontece não só com viagens mas também com drogas, livros e filmes: a realidade nunca preenche de todo as promessas e anúncios chamativos. (VERISSIMO, 1995, p. 98).

E mesmo assim faz sua análise, carregada de idiossincrasias de quem, além de seu estilo peculiar, vivenciou o período, como ao ironizar a situação financeira da época, afirmando que “Costumávamos dizer que o Brasil era um país tão vigoroso que, não importava o que os políticos fizessem o dia todo para arruiná-lo, ele se recuperava durante a noite”. (VERISSIMO, 1995, p. 101). Ou quando fala de escritores inovadores, declarando que uma nova “era geológica” começava na literatura brasileira, muito embora ainda permanecessem alguns da era dos grandes répteis, como Alberto de Oliveira.

O nono capítulo, intitulado *A pedra e o caminho*, é reservado à exegese da Semana da Arte Moderna e ao famoso poema de Carlos Drummond de Andrade, *No meio do caminho*, o qual foi incompreendido pela maioria dos contemporâneos.

A sua definição do que foi o Modernismo, e quais segmentos literários ele originou, pode ser usada, em futuro próximo, para analisar o contexto atual, a fim de identificar quais deles realmente vingaram, ou aqueles que diferiram de sua concepção:

Em minha opinião, o movimento modernista foi uma espécie de encruzilhada de onde se originaram os múltiplos caminhos da cena brasileira de hoje. Desses vários caminhos (alguns deles apenas atalhos), acho que só três são de fato importantes. Um deles tomou a direção da esquerda com

Oswald de Andrade, que não eram comunistas e sim socialistas que punham ênfase na importância do fator econômico na vida social. O segundo caminho conduzia a Deus, via Vaticano. Os líderes do grupo que se tornou neocatólico, sob a influência de escritores franceses como Péguy, Miritain, Claudel, etc, foram Jackson de Figueiredo e Tristão de Ataíde. Os esquerdistas pensavam que a crise era principalmente econômica; para os neocatólicos a coisa toda era questão de fé. Quanto ao terceiro caminho – foi um prolongamento tardio do segundo, rumo à extrema direita. (VERISSIMO, 1995, p. 116).

Uma literatura chega à maioria, nome do décimo capítulo, é dedicado a analisar os romances da década de trinta do século vinte: “Posso dizer que, depois de 1930, os escritores em meu país começaram a se interessar pelos problemas sociais e filosóficos de seu tempo. Os horizontes da crítica se expandiram” (VERISSIMO, 1995, p.120). É a década em que, segundo Erico Verissimo, nossos escritores, aos poucos, deixam de sentir o complexo colonial, bem como param de brincar com palavras, e voltam seu olhar para os problemas sociais brasileiros. Há romances que abordam as intempéries do Nordeste, ou do Sul, são os chamados regionalistas; outros tratam dos problemas filosóficos e psicológicos. E não se limita aos romances, deixando evidente que foi uma era em que apareceram exímios cronistas, historiadores e críticos de arte.

Do capítulo onze, *Entre Deus e os oprimidos*, destaca-se o comentário criativo e lírico sobre Mario Quintana: “(...) é um boêmio quieto e tímido que vive num mundo de sua própria lava. Não se importa em publicar livros ou ter leitores. É metade ser humano e metade elfo. Da lua, onde vive, às vezes nos manda canções”. (VERISSIMO, 1995, p. 132). A propósito, uma das características da produção romanesca de Erico Verissimo, que está presente também em sua historiografia literária, e pouco analisada e valorizada, são suas descrições altamente poéticas de paisagens, pessoas e fatos. Um exemplo é da trilogia *O tempo e o vento*, quem a leu dificilmente esquece do seguinte excerto do capítulo Ana Terra: “A paisagem tinha um quê de poema acabado, a que não se pode tirar nem acrescentar a menor palavra” (VERISSIMO, 2005, p.157).

Logo depois de falar de Mario Quintana e Cecília Meireles, fornece ao leitor sua definição de literatura e história, na medida em que afirma:

Mas, antes de prosseguir ao próximo capítulo, no qual pretendo dar-lhes uma ideia geral da ficção brasileira como representante dos atuais problemas e aspectos nacionais e regionais, desejo descrever, com rápidos traços, os acontecimentos políticos e sociais em meu país, depois da revolução de outubro de 1930. Afetaram a literatura em grau considerável. Em certa medida, são também literatura. Além disso, nenhum escritor pode escapar à história. Ou ajuda a fazê-la ou sofre-a, mesmo quando pensa que está inteiramente desligado de questões políticas e sociais. (VERISSIMO, 1995, p. 134).

Para Erico, não há dissociação entre literatura e história, ambas estão atreladas e uma determina a outra, sempre.

No último capítulo de *Breve História da Literatura Brasileira*, denominado *A colcha de retalhos*, como o próprio título sugere, aborda a grande diversidade cultural do Brasil, a qual reflete na literatura, havendo os mais diversos estilos e obras:

Acho que o grande mural do Brasil está sendo pintado hoje, não por um único artista, mas por grande número deles. Cada um de nossos modernos romancistas trabalha em seu campo restrito – um grupo social, uma cidade, um estado, uma região – e, reunindo suas obras, ter-se-á o vasto afresco panorâmico da nação. (VERISSIMO, 1995, p. 141).

Além disso, para justificar a “colcha de retalhos”, fornece aos interlocutores informações geográficas que fundamentam as diversidades regionais.

Antes de encerrar sua exegese da História Literária do Brasil, Erico Verissimo, mais uma vez, escolhe como exemplo de obra de qualidade um romance que apresenta antíteses e que, segundo ele, assim representa o Brasil, como *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado:

É na minha opinião um dos romances mais audazes e impressionantes jamais publicados no Brasil. É um desfile bárbaro de heróis e bandidos, potentados e oprimidos, putas e santas, gente comum e assombrações. O livro é ao mesmo tempo um poema em prosa, um conto folclórico, uma história crua, um libelo e uma obra de arte. (VERISSIMO, 1995, p. 147).

E acrescenta ao seu desfecho os trejeitos do povo brasileiro, a saber, ser hospitaleiro, simpático, emocional, fraterno e simpático.

Considerações finais

Os aspectos que fazem de *Breve História da Literatura Brasileira* uma obra *sui generis* incluem o que o próprio autor declara a seu respeito, como o fato de haver se posicionado como leitor ao redigi-la, sem o intuito da precisão ou rigor científico de historiador. Nesse viés, apreende-se uma noção de História semelhante ao que considera Hans Robert Jauss como a mais apropriada quando se concebe uma obra de Historiografia Literária, ou seja, de que os tempos se entrecruzam e de que a história está em constante atualização. Nessa direção, vale salientar as menções que Erico Verissimo faz ao anacronismo, como a possibilidade de presente e pretérito se complementarem, sem a necessidade de escrever sobre as obras e os escritores, e compreendê-los, de forma estritamente diacrônica.

Além disso, outra característica singular é considerar como melhores representantes da complexidade do povo brasileiro escritores cujas produções

romancescas ou poéticas enfatizam o paradoxo, seja na composição do enredo ou lírica, seja na caracterização das personagens.

Ademais, como grande “contador de histórias”, Erico deixa transparecer em sua história literária as descrições poéticas, fator que também o distingue de outros ensaístas e torna sua obra singular e atraente para o leitor.

Referências

BOSI, A. **História concisa da Literatura Brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

JAUSS, H.R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

MACIEL, S.A. Breve História da Literatura Brasileira, **de Erico Verissimo: do contador de histórias ao historiador da literatura**. 210. 142 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2010.

MOREIRA, M.E; TOPA, F. História da literatura e historiografia literária. **Letrônica** Revista digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 480-483, 2015.

SILVA, A. M.G.S. Erico Verissimo: história da literatura ou ficção? **Tabuleiro de Letras**, Bahia, p. 1-9, 2003.

VERISSIMO, E. **México**. 12. ed. São Paulo: Globo, 1987.

_____. **Breve História da Literatura Brasileira**. São Paulo: Globo, 1995.

_____. **O Continente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Recebido em abril/2018.

Aceito em dezembro/2018.